

O NORTE

do DISTRITO



QUINZENÁRIO de FIGUEIRO DOS VINHOS



Avença
Proprietário *Dr. Ernesto Lacerda*

Orgão nacionalista, defensor dos concelhos do Norte do Distrito de Leiria
Director: *Dr. Joaquim Alves Tomás Mergado*

10 de Novembro de 1970
Chefe da Redacção: *Prof. A. Paula Santos*

ANO XVIII — REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMP. E IMP.: OFICINAS GRÁFICAS DA MINERVA CENTRAL — FIGUEIRO DOS VINHOS — TELEFONE 42 307 — N.º 429

Estacionar ou não, eis a questão...

As coisas e os factos têm a sua repercussão e importância, conforme os meios em que são considerados e vividos. Por isso se desencadeiam tempestades em copos de água e se levantam problemas, que só existem nas mentes exaltadas ou de discernimentos precipitados.

Em todo o caso sempre algum mal ressurte destas intempestivas e insólitas arengas...

Vem isto a propósito da celeuma levantada à volta duma disposição inserta no Regulamento de Trânsito desta vila, que proíbe o estacionamento de veículos num troço da E. N. 236-1 (Ruas Dr. Manuel Simões Barreiros e Luís Quaresma Val do Rio) troço que, além de suportar todo o tráfego inerente a esta via, é também a artéria urbana mais movimentada de Figueiró, em trânsito de veículos e peões.

Quem possa perder um pouco de tempo para assistir, serenamente e com olhos de vêr, ao vaivém de automóveis pesados e ligeiros, carroças, velocípedes e às enormes filas de veículos estacionados, duma e doutra banda desta rua, facilmente se apercebe de quão justa, necessária e providente foi a medida tomada pela Câmara Municipal.

Consta-nos, entretanto, que a deliberação camarária tomada neste sentido, tem sido ásperamente censurada pelos comerciantes estabelecidos ao longo da rua onde a proibição de estacionamento se impôs e foi, até, objecto de exposição formal por eles dirigida à Direcção de Estradas do Distrito de Leiria e, posteriormente, à própria Câmara como em recurso do indeferimento com que aquela Direcção de Estradas a contemplou.

Mas as exposições, segundo julgamos saber, carecem de fundamentos relevantes, pois o seu carácter restritivo e protector de interesses particulares, fossem de que natureza fossem os invocados, não podem sobrepor-se ao interesse público e ao bem comum. E estes só ficam protegidos e acatados, legalmente e com isenção, quando são as entidades competentes a estabelecer as normas disciplinadoras e até punitivas que conduzam a esse desiderato.

E quando essas normas são precedidas de estudo cuidadoso e aturado, quando a evidência dos factos que determina a necessidade da sua imposição, é cristalina como a água das fontes, revestem-se então de tal autoridade e força moral, que são inatacáveis e insusceptíveis, também, de acolherem sugestões ou alternativas para o seu contexto.

Pois — e mais concretamente — a deliberação da Câmara Municipal que aprovou o Regulamento de Trânsito, foi submetida à apreciação da Direcção-Geral de Transportes Terrestres, departamento estatal, ao tempo, competente para a sancionar e que lhe deu a sua aprovação; foi mais tarde discutida e aprovada pelo Conselho Municipal, órgão colegial concelhio onde estão representados, além de outros, os interesses do sector comercial; e, finalmente, posta em viçor após a colocação das placas de sinalização e o cumprimento das formalidades para o efeito exigidas.

Não pode, por isso, restar dúvidas que tudo foi meticolosamente ponderado, discutido e estudado antes duma resolução definitiva.

Que dizer então da atitude dos queixosos comerciantes, quando se insurgem contra tão acertada decisão da edilidade?

Se ponderarmos que todos têm à sua disposição e situados a distâncias que medeiam entre 10 a 100 metros, pelo menos

À página 4

Electrificação de Arega

Os habitantes das povoações de Braçais, Brunhal, Carreira, Casa Nova, Brejos e Venda do Henrique, aguar-lam com justificada ansiedade, o início da montagem das linhas de baixa-tensão e construção de cabine transformadora, agora dependentes do empreiteiro, visto que o mais difícil já a Câmara Municipal e o Estado o promoveram, garantindo financeiramente a execução da importante obra.

Ao Serviço da Pátria

João da Conceição
Francisco da Silva

Regressou da Guiné Portuguesa depois de terminada a sua missão militar naquela província, o senhor João da Conceição Francisco da Silva, 1.º cabo do exercício, natural do lugar da Portela da Lavandeira.

Visado pela Comissão de Censura

Cerimónias Litúrgicas

29 de Outubro a 2 de Novembro

Coincidentes com a celebração da festa de Todos os Santos, tiveram lugar na nossa freguesia as cerimónias religiosas em louvor do Sagrado Coração de Jesus.

Precedidas de uma preparação espiritual, nelas colaborou um distinto orador sagrado, que durante alguns dias prendeu a atenção e despertou o interesse de numeroso auditório com a explanação das leis do catolicismo perante os problemas da hora presente.

No dia próprio teve lugar a tradicional Procissão, e no dia seguinte a Igreja vestiu crepes e promoveu a romagem ao cemitério em honra dos Fieis Defuntos.

Conservemos

LIMPA A NOSSA VILA

Depois de concluídas as obras do edifício da C. G. D., vai a Câmara Municipal dar o necessário arranjo ao pavimento confinante a poente, e regularizar a calçada da Rua da Torre, até à sua concordância com a Rua Dr. Martinho Simões.

Estes melhoramentos têm por finalidade, além do valor funcional relativo ao trânsito, a promoção de salubridade e beleza estética, não se podendo ir muito longe neste aspecto, devido aos antigos imóveis que ainda existem nas referidas ruas.

Há no entanto necessidade absoluta que todos nós contribuamos para que a limpeza na nossa vila seja um facto.

O simples e descuidado acto de largar um papel no chão, ou o despejo de um balde de água menos limpa, numa valeta, representa uma grande contribuição para a falta de higiene das ruas, com as quais a Câmara, gasta, para procurar manter limpas, avultadas importâncias anuais.

Todos nós sempre tão ávidos para «descobrir» que esta e aquela rua estão cheias de pedra, entulho, ou lama, (o que afinal, por vezes, representa o preço do próprio progresso) e para criticar o facto com inconformismo, ou até com azedume, porque não havemos também nós, mas todos, colaborar numa campanha para manter limpa a nossa terra, dando todos e cada um por si o exemplo? Figueiró dos Vinhos é uma das mais lindas vilas do País. E' dever de todos nós não lhe deixar ofuscar essa beleza pela nossa negligência.

VISITA MINISTERIAL

O Senhor Engenheiro Rui da Silva Sanches

Ministro das Obras Públicas e das Comunicações

visitou Figueiró dos Vinhos

No passado dia 7 do mês corrente, na continuação das suas visitas de trabalho aos concelhos do norte do distrito de Leiria, esteve nesta vila o titular da Pasta das Obras Públicas, numa proveitosa prospecção das justas e mais prementes aspirações e necessidades destas parcelas do território português, por vezes tão esquecidas, e quase desconhecidas de quem lhes poderia já ter minorado algumas das suas dificuldades, promotoras de desapego da terra e fomentadoras de perniciosas migrações.

Esta visita de trabalho era aguardada com o maior interesse, pois que sabendo-se quão benéficas têm sido outras idênticas, levadas a efeito pelo ilustre e dinâmico governante, a fim de, no próprio local, observar a realidade dos factos, despachando imediatamente, sem desnecessárias burocracias, também aqui se sentia, que muito haveria a beneficiar com a sua presença.

Quando pelas 10h 30m, o Senhor Eng.º Rui da Silva Sanches chegou à Praça José Malhoa, acompanhado do seu secretário, já ali se encontravam, a aguardá-lo, as entidades que haviam de tomar parte na sessão, o Presidente da Câmara e Vereação, Pároco da Freguesia, Provedor da Misericórdia, Comandante do Posto da G.N.R., Juntas de Freguesia Regedores e Párcos.

No salão nobre dos Paços do Concelho, onde teve lugar a sessão, a ela presidiu o Senhor Ministro, ladeado pelos senhores Dr. Damasceno Campos, Governador Civil de Leiria, Dr. Henrique Vaz Lacerda, presidente da Câmara; Presidente da Junta Autónoma das Estradas; Director-Geral dos Serviços de Urbanização; Director dos Serviços de Salubridade; Director das Construções Escolares; Director dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Centro; Director dos Serviços de Urbanização do Distrito de Leiria; Eng.º Director de Estradas do Distrito de Leiria e Presidente da Comissão Distrital da A.N.P.

O Senhor presidente da Câmara, depois de agradecer a vinda do Senhor Ministro, fez nm circunstanciado relato de algumas obras levadas a efeito no capítulo de electricidade e esgotos. Quanto ao abastecimento de água e reforço do caudal, proveniente da Lapa da Moura, referiu o que está feito, para fazer, e por fazer.

Numa criteriosa exposição, observou aquilo que com maior ou menor premência se torna indispensável construir com a necessária participação do Estado.

Nas obras de maior prioridade, (claro, que sem prejuízo de algumas já em plano, ou mesmo em execução) enquadrou, o senhor Presidente, as vias de acesso rodoviárias às povoações do sul do concelho, mais concretamente da freguesia de Arega; as escolas primárias de Arega, Lameirão, Campelo, Aldeia de Ana de Avis. Arruamentos de várias povoações rurais em todas as freguesias do concelho. Ampliação da Escola Secundária Municipal. Reparação para conservação do Edifício da Câmara. Reparação do Cemitério da vila e construção ali da necessária Capela. Construção ou ampliação do Cimiterio de Campelo, Arranjo urbanístico do Recreio da nova Escola Feminina, dentro da sua cerca.

Tomaram parte nos trabalhos além das entidades dos vários departamentos já referidos o Senhor Dr. Ernesto Lacerda, provedor de Misericórdia, que convidou o Ministro a visitar o Hospital, a fim de poder apreclar a grande necessidade da sua reparação, só possível com o auxílio técnico e material do Estado, e o Senhor Padre Belamino Soeiro, pároco da freguesia, que pediu o auxílio estatal para as obras de reconstrução da Igreja Matriz (Monumento Nacional) agora paradas por falta de verba.

O senhor Presidente da Câmara, informou ainda o Senhor Ministro de duas grandes lacunas da nossa terra, que por motivo de o serem, representam justas aspirações dos figueiroenses: Um Mercado Coberto e o quartel da G.N.R..

Todas as pretensões mereceram a minuciosa atenção e interesse do ilustre visitante, que para elas teve palavras de inteligente observação, ou pedidos de esclarecimento, despachando imediatamente em favor de algumas, e ordenando a elaboração de projectos para outras.

Findos os trabalhos, aquele membro do Governo visitou sucessivamente a Igreja Matriz, Igreja do Carmo, Cemitério Municipal, Escola Feminina, Escola Secundária, e por fim o Hospital, seguindo dali para Castanheira de Pera.

Notícias DE CAMPELO

A nossa estrada

Causou natural e justificado regozijo em toda a freguesia, a reparação da estrada municipal que nos liga à nacional. Está concluída a primeira fase até Vilas de Pedro, e, segundo nos consta, dentro de um ano ela chegará à sede da freguesia totalmente reparada.

Fonte

Um dos melhoramentos dignos de registo, levados a cabo nos últimos anos, é sem dúvida a reconstrução da fonte pública de Campelo.

Durante anos que aquela cavidade construída na parede suporte dos terrenos do adro, ofereceu a quem nos visitou, um aspecto desolador a revelar incúria, de cuja responsabilidade não estiveram isentos os co-utentes desse logradouro a que todos têm direito e perante o qual, agora mais do que nunca, têm o dever de conservar limpo.

Campelo, está, no seu conjunto urbano, a valorizar-se dia a dia. Quase sem se dar por isso, o Posto Aquícola e a eletrificação em vias de inauguração, contribuíram substancialmente para que alguns particulares melhorassem e alindassem as suas propriedades o que é muito importante.

Uma ponte necessária

Ainda não há muito tempo que a Câmara Municipal do nosso concelho, ao ter conhecimento do perigo eminente que ameaçava, para as crianças frequentadoras da escola, a travessia da Ribeira de Alge, no sítio da povoação da Ponte Fundeira, tomou as necessárias e urgentes providências que o caso requeria, ordenando a imediata construção de uma ponte de pé que, presentemente serve aquele longínquo aglomerado populacional.

Os habitantes daquele lugar, têm, porém, outras aspirações muito legítimas. Aguardam confiadamente que naquele lugar seja construída uma ponte que

comporte passagem de veículos, para ligar a sua aldeia ao resto do mundo.

A despesa não é grande, e os habitantes do lugar estão animados do melhor desejo de colaborar com quem lhes possa proporcionar esse almejado melhoramento.

Estamos certos que a Câmara Municipal, que tem estado sempre atenta às necessidades dos seus munícipes, também não deixa desta vez de dar o seu valioso auxílio a melhoramento de tão grande importância.

Falecimento

No dia 24 de Agosto último, faleceu no lugar Ponte Fundeira, a Senhora D. Palmira da Conceição, viúva de 70 anos de idade.

A saudosa extinta, muito estimada na região, era mãe do nosso prezado assinante em Lisboa Sr. Marcolino Alves Lourenço, casado com a Sra. D. Ester Domingues Lourenço; Sra. D. Natividade da Conceição Campos Alves, casada com o Sr. Porfírio Lourenço Alves; Sra. D. Lurinda da Conceição Campos Monteiro, casada com o Sr. Bento Ferraz Monteiro.

Era avó do menino Manuel António Domingues Lourenço; Jorge Manuel de Campos Alves; Luis Campos Monteiro e Maria Odete da Conceição Alves.

O funeral que se realizou no dia seguinte para o cemitério paroquial desta freguesia foi muito concorrido.

A família de luto apresentamos sentidos pêsames.

Trespasa-se

Estabelecimento de mercearia e vinhos, por motivo de retirada.

Frente às Oficinas Barreiros. Tratar com o proprietário

Mário Estofador

Assine este JORNAL

Estrada de S. Simão

Finalmente, já não é necessário sair do concelho para ir de automóvel à feira anual de S. Simão, a norte das fragas a que dá o nome.

Em boa hora os habitantes de Casal de S. Simão e Ponte de S. Simão deitaram mãos à obra que a Câmara Municipal valiosamente patrocinou.

Os vinte e tal quilómetros que era preciso vencer para lá chegar, partindo de Figueiró, estão agora reduzidos a sete.

Digna de registo esta colaboração entre o povo e as autoridades locais, para facilitar as vias de comunicação e penetração nas mais recônditas aldeias, dentro de uma linha de pensamento tantas vezes manifestado pelos mais altos governantes da Nação.

D. Gabriela Rosa da Silva

A fim de visitar seu marido, o Senhor Fernando de Jesus Silva partiu para França a Senhora D. Gabriela Rosa da Silva, acompanhada de sua filhinha.

Pela Redacção

José dos Santos Matos de Carvalho

Por intermédio do nosso Director, foi aqui paga a assinatura do Sr. José dos Santos Matos de Carvalho, nosso prezado assinante em Lisboa e distinto colaborador.

António Pires Grego

Depois de uma visita a seus familiares na Ilha de Jersey (Grã-Bretanha) regressou à sua casa de Azeitão o nosso estimado assinante, Senhor António Pires Grego, que teve a gentileza de nos visitar.

José Manuel Cláudio Graça

Cumprimentámos nesta Casa o Sr. José Manuel Cláudio Graça, nosso prezado assinante na Graça-Pedrogão que veio regularizar a sua assinatura.

Marcolino Alves Lourenço

A fim de regularizar a sua assinatura, deu-nos o prazer da sua visita o Senhor Marcolino Alves Lourenço, residente na Capital, que vinha acompanhado de sua esposa, Senhora D. Ester Domingues Lourenço e filhinho.

Camisas Trevira

SOTO RIO

33.% Algodão—67%. Trevira
E' moda... é Trevira

Um exclusivo da Casa Silva

de

António da Silva

Figueiró dos Vinhos

Vende-se

Milhares de eucaliptos 1.ª corte na Salada da Cova, junto ao Carapinhal.

Aceitam-se propostas em carta fechada, dirigida a:

Eduardo Paquete Nunes, nesta vila.

À proximidade das Escolas todo o cuidado é pouco

Raras serão as pessoas que não tenham passado alguma vez pelas imediações de um Estabelecimento de Ensino à hora de entrada ou de saída das aulas. É um espectáculo animado que traz aos nossos olhos a sugestão de um encontro com a vida na freguesia e no optimismo de todas as suas promessas. A hora de saída, sobretudo, prende-nos como se a própria fonte da existência bobulhasse à nossa volta.

Estas emoções são todavia para quem pode parar e assistir. Para quem passa conduzindo o seu veículo na necessidade de ter tomado aquele caminho e não outro, o espectáculo não tem qualquer encanto e o momento é perigoso.

Não há, com efeito, percurso mais cheio de surpresas. Em nenhum outro lugar se fica assim tão completamente à mercê do imprevisto. Parece-nos que a rua está livre e de súbito, surge uma figurinha que corre e se atravessa à nossa frente. Acabadas as lições, é o entusiasmo, o anseio da libertação que faz as crianças movimentarem-se esquecendo todas as recomendações e ensinamentos de precaução. A entrada, são os atrasos, o descer dos transportes públicos, que levam os pequenos transeuntes a situações de perigo.

A proximidade de Escolas Primárias está, devidamente sinalizada. O mesmo deveria acontecer sempre e não acontece com todos os outros Estabelecimentos de Ensino Secundário. Nos primeiros anos, não há muito mais a esperar da ponderação dos alunos e, mesmo quando a idade já dá mais cautelas, estas se esquecem na euforia dos grupos ou na perturbação de qualquer facto recente.

Assinalada ou não, a proximidade de qualquer Escola obriga-nos a cuidados especiais. Não basta afrouxar a marcha; é preciso avançar tomando sempre em conta o imprevisto. Nunca serão exageradas as precauções que se tomem em tais circunstâncias. Respeitar a sinalização pode, na verdade, não bastar. Se for preciso paremos e para temperar a nossa paciência, lembremos a irreflexão daquelas idades.

Não deve igualmente ser esquecido o facto de, praticamente, pertencerem à zona do edifício escolar as paragens mais próximas dos transportes públicos. Nem sempre situadas na mesma rua ou estrada são necessariamente procuradas por muitas crianças que terão talvez de atravessar dum passeio para o outro. Umas fa-lo-ão com prudência, mas outras, no receio de perder o transporte, precipitam-se sem o mínimo cuidado. E não é raro que o acesso ao autocarro ou ao eléctrico, se faça através dum caminho que bem se poderia supor já fora da influência da Escola ou Liceu, a tal distância se encontram deles. A sinalização numa área escolar não deveria, de facto, situar-se apenas nas

imediações do próprio edifício. Para que servisse bem o objectivo teria que abranger lugares que, nas horas de entrada ou de saída, e transformam em pontos de confluência.

Entretanto, contentemo-nos com o que existe, isto é, onde virmos um sinal que nos anuncia gente nova em trânsito, tenhamos as maiores cautelas. Onde nada houver que nos advirta, socorramo-nos dum sexto sentido que nos livre do horror de ir contra uma criança que se dirija correndo para as suas aulas, ou que regressa a casa cheia de entusiasmo de todas as suas experiências daquele dia.

Da acção da PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA, através das Escolas Móveis de Trânsito, das provas anuais da eliminatória nacional da Taça Escolar Internacional, das suas publicações e restante actividade, junto da juventude escolar do País, há de resultar um melhor comportamento das nossas crianças frente aos problemas do trânsito. Mas mesmo quando for alcançada nunca poderão dispensar-se todos os condutores, da maior das prudências quando circulam junto das Escolas.

Prevenção Rodoviária Portuguesa

Henrique Francisco Fernandes

Com o pedido de publicação, recebemos a seguinte carta do signatário, nosso prezado assinante em Lisboa.

Acabo de ler no «Norte» — a perda de um Homem — de quem fui sempre seu amigo, e ele também meu amigo, Henrique Francisco Fernandes, falecido na terra que me foi berço.

Quando a minha vida era em Elvas, e ia passar as minhas férias em Pedrogão Grande, sua primeira mulher, que era minha madrinha, eu era na sua casa tratado como família. Todas as atenções tinha para comigo o meu compadre Henrique Padêiro, como era na vida conhecido e eu, longe do berço que nasci, recordo com uma saudade sincera, o seu falecimento, com 86 anos.

Os homens partem, e ficam em outros, recordações e saudades, que enquanto estes vivos forem, jamais esquecidos serão aqueles. Assim será entre mim e Henrique Francisco Fernandes.

Em muitos casos a obra fica, e os homens partem. Em outros a saudade permanece enraizada no íntimo de cada um, pela perda do homem e do amigo.

Adéus! Compadre Henrique, até um dia. Com ou sem sofrimento, todos faremos essa viagem.

Que Deus na Sua mais alta magnitude, tenha à Sua guarda, o teu repouso, como fiel filho de Cristo, que foste.

Lisboa 1970.

Henrique Graça

MARIA AMÉLIA DOS SANTOS ALVES

MÉDICA

Doenças da boca e dentes

Consultas às 2.^{as}, 3.^{as}, 4.^{as}, 6.^{as} e sábados das 9 às 12 horas e 5.^{as} e sábados das 15 às 17 horas.

Telefones 42498

FIGUEIRO DOS VINHOS

Transporte de Mercadorias

Furgoneta de Aluguer

DE

José Telhada Assunção

FIGUEIRO DOS VINHOS

MUDANÇAS

TRANSPORTE AO QUILOMETRO

SERVIÇO PERMANENTE

NA PRAÇA OU TELEFONE 42453

Manuel Henriques Coelho

Fábrica de artigos de cimento

Depósitos para vinho e sulfato, garrafeiras, Grelhagens para construção civil, postes para vinhas, etc., etc.

Telef. 18 (Lameira Cimeira)

Pinheiro do Bolim

Pedrogão Grande

CAMPANHA A FAVOR DOS NOSSOS MONUMENTOS

Da Página 4

neira particular, ligada aquele relógio porque, morando eu, nesse tempo saudoso, a pouco mais de cinquenta metros dele, ouvia-lhe, perfeitamente, as badaladas o que era, para mim, de grande importância como se vai ver. O meu quarto de criança, em casa de minha tia Benedita e dedicada amiga, era interior com uma janela de peitoril rente ao telhado da casa da Senhora Maria Perpétua, minha vizinha, e uma escada de madeira em comunicação com o sótão onde minha tia armazenava bata's, fruta, cebolas, etc. Tinha muito medo de dormir, sozinho, no quarto e, por isso, minha tia só conseguia lá deitar-me quando eu adormecia, sobre um banco, na cozinha e ela, com muito jeito e carinho, para eu não acordar, me transportava ao colo até à *furna* dos meus papões, onde, com todo o cuidado, me deixava deitado na cama para dormir, como um justo, até de manhã.

Mas, se tinha a infelicidade, de acordar de noite e, nesse momento, um gato passar, por sobre o telhado da casa da vizinha Perpétua, em frente da janela do meu quarto e o luar projectar a sua silhueta negra na parede daquele oposta à janela, apoderava-se de mim tal pânico que, instintivamente, levantava-me, num ápice, e, em corrida, precipitava-me para o quarto de minha tia a procurar, entre os lençóis da sua cama, defesa contra o meu papão. Esta cena repetia-se quando o nosso *farrusco* resolvia subir a escada para ir caçar ratos ao sótão. O ruído, provocado pelo toque das patas do animal, nos degraus da escada, era outro papão acicatador da minha fuga para o castelo salvador. A descida do gato produzia-me o mesmo efeito. Mas se, em qualquer daqueles momentos de medo, se dava a coincidência feliz de o velho relógio da Torre da Cadeia bater horas, aquele desaparecia por encanto e o mar tempestuoso da minha alma batido pelo tufão do medo, acalmava e voltava a beijar docemente as areias da praia. É que o som do relógio, entrando no meu quarto, era qual anjo custódio para me guardar e afastar os papões. Como explicar este fenómeno? Não sei por tratar-se de um estado alérgico infantil cuja causa a medicina ainda não descobriu.

Talvez, agora, se possa compreender a razão por que gostava, de novo, ouvir o som brônzeo e amigo do velho relógio da Torre da Cadeia!

Não desejo terminar o capítulo referente à Torre sem deixar aqui registada a tradução da lápida fixa na parede frontal da mesma Torre, que ficámos devendo ao Ex.mo Senhor Dr. Manuel Baptista de Lima, Conservador da Biblioteca Pública de Évora a quem peço o favor de acrescentar, aos votos de agradecimento já formulados por contreráneos meus, os do autor destas singelas palavras.

Eis a tradução da lápida:
 «Na era de 1506 — anos — se fez esta obra servindo de juizes Bento de Aguiar e Gracia Rodrigues e vereadores Gonçalo Moniz e Afonso Esteves e procurador Gonçalo Rodrigues — valendo o pão e o vinho 70 réis».

Até aqui, na escrita de parti-

das dobradas limitei-me, no livro de DEVE e HAVER, a registar apenas a despesa e, agora, onde ir buscar a receita para cobrir aquela?

Eis, sem dúvida, o problema mais difícil para cuja solução não sei se haverá todos os dados necessários. Apresentemos alguns:

a) Nomeação, por quem de direito, de uma COMISSÃO DE HONRA constituída por representantes qualificados das quatro freguesias do Concelho, das quatro freguesias do Concelho, das quatro freguesias, repito, porque, se, como Casas de Deus, as Igrejas de S. João Baptista (MATRIZ) e de Nossa Senhora do Carmo (Convento) estão adstritas ao culto dos fiéis da freguesia de Figueiró dos Vinhos, como monumentos, juntamente com a TORRE DA CADEIA, são património comum que honra e dos os filhos do concelho a quem, por isso, cabe o dever da sua conservação. Um simile: o Monumento de Santa Maria da Vitória está localizado na vila da Batalha e, no entanto, é património, honra e orgulho de todos os Portugueses d'Aquem e Além — Mar sobre quem recai (e não só sobre os filhos da Batalha) o dever patriótico de respeitá-lo e conservá-lo;

b) Nomeação, pela Comissão de Honra, de uma COMISSÃO EXECUTIVA, formada por representantes de toda a área concelhia, dotados de forte dinamismo, actuação arrojada sem transposição das balizas fixadas pela prudência, dedicação sem limites e entusiasmo sem desânimo a bem da causa *pró-monumentos*, à qual competiria dar execução ao programa elaborado pela primeira daquelas Comissões.

Não pretendo antecipar-me à Comissão de Honra nas deliberações que viesse a tomar para angariação de fundos mas não resisto à tentação de dizer aqui a conveniência que, talvez, houvesse em elaborar uma lista completa de todos os filhos do concelho de Figueiró dos Vinhos ausentes na Metrópole, nas Ilhas Adjacentes, no Ultramar Português e em países estrangeiros — Brasil, França, Alemanha, África do Sul, Rodésia, Espanha, etc. a quem seriam enviadas circulares elucidativas dos objectivos que houvesse em vista e seriam de interesse espiritual, moral, material e de amor bairrista.

Quem recusaria, sem rebate de consciência, o seu óbolo, correspondente às possibilidades de cada um que podia partir de 50 centavos para os mendigos e, por escadões sucessivos, subir até cifras que a deusa Fortuna, como reconhecimento a Deus, estabeleceria, capital este que, colado no Banco do Céu, venceria uma taxa de juro muito superior à estabelecida para os bancos da terra. E como as importâncias do juro não eram levantadas mas acrescidas ao capital, os depositantes, chegada a hora de comparecer, perante o Supremo Tribunal Celeste, a que preside Deus, teriam naquele Banco, a soma necessária para pagamento dos selos e custos do processo a que fossem condenados e, no caso de absolvição, reverteria, convertida em moeda ou felicidade, para os seus herdeiros na Terra. Nós, os crentes, pensamos nestes termos mas os descrentes terão que ter outra maneira de pensar porquanto, chegada a hora, o seu julgamento

há-de ter lugar no Supremo Tribunal da Arte cujas penalidades, aplicadas por ele, ignoro. Será o remorso uma delas?

Suponhamos que as Comissões conseguissem angariar 500 contos e como, certamente o Estado não deixaria de participar com uma importância igual, ficavam aquelas a dispor de 1000 contos para realização das obras. Não sei se chegariam porque a importância exacta só os orçamentos a poderiam indicar. Mas penso que, aplicados, como não deixaria de ser, com inteligência, zelo e economia, muito e bom trabalho se faria.

Caso estas palavras sejam consideradas mais filhas da fantasia do que da realidade, peço aos meus irmãos do concelho que as considerem como não escritas que eu, não esquecendo o que devo à minha terra, continuarei a contribuir, para as obras da Igreja, com o óbolo permitido pelas minhas possibilidades financeiras enquanto Deus me der vida para a prática dessa virtude.

ALEGRIA E TRAGEDIA

Da Página 4

no sentido de, assinalando o local, não lhes tocarem, de modo algum, e darem do achado conta aos seus pais ou professores que providenciarão, através das autoridades locais, a sua remoção ou inutilização por modo seguro.

Daqui recomendamos, pois, aos pais, professores, sacerdotes ou catequistas, que prestem a tal campanha o melhor da sua colaboração com a certeza de contribuir assim para a eliminação de um risco que põe em perigo a integridade física de tantas crianças quantas a que diariamente percorrem os nossos campos, matas ou serras, para divertimento ou por necessidade.

Para tanto bastará solicitar da referida Comissão de Explosivos da Secretaria de Estado da Indústria, sítua na Avenida Duque de Loulé, 90-4.º Esq., em Lisboa, as instruções necessárias e a colaboração precisa para que tal campanha passe, como se deseja a ter um âmbito nacional de modo a que todas as crianças sejam preparadas e consciencializadas sobre o perigo do mau-segurança de explosivos, conhecendo os seus perigos e sabendo identificá-los.

H. de Boaventura

Hino aos Bombeiros

Neste tempo de materialismo,
 De ódios, de traições e luta insana
 Contra o jardim da alma humana,
 Plantado em terra sã do cristianismo,

Causa-nos admiração (sem snobismo)
 D'um canteiro a vida de que promana
 Beleza, ternura, alegria sana (1)

Lealdade, sacrifício e amor
 P'los amigos e inimigos sob a Dor
 Que o sagrado dever a tal convida,

Do canteiro são z'losos jardineiros
 Os dedicados e heróicos bombeiros
 Que é sua divisa — VIDA POR VIDA.

(1) sana por sã.

José Rodrigues Dias

NÃO SE META EM AVENTURAS!

a máquina de costura



não tem plásticos

Não esqueça minha senhora, que a

OLIVA, porque é inteiramente de aço, dura

e serve várias gerações, quaisquer que sejam

as condições de trabalho

Não a confunda... pois a OLIVA não pretende fazer "FOGO DE VISTA", mas sim poder ser-lhe útil e durar mais

Quem possuir uma OLIVA só está descontente se quiser

A máquina OLIVA tem assistência

permanente neste concelho na

Ourivesaria Lourenço

Fogões OLIVA com forno a 1100\$00

Máquinas de escrever OLIVA a 1950\$00

TELEVISORES OLIVA

TUDO COM GARANTIA OLIVA

Ourivesaria Lourenço

Telef. 42105

Figueiró dos Vinhos

Luis Frias Fernandes
 Médico

DOENÇAS DAS CRIANÇAS — CLÍNICA GERAL

TELEPHONE 42 438

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Automóvel de Aluguer

PRAÇA DE AREGA

Concelho de Figueiró dos Vinhos

Vende-se

Tratar com Henrique Moreira Antunes sócio-gerente da empresa proprietária, AREGA.

Encomende à TIPOGRAFIA

deste JORNAL

as impressões que...

Assim vai por Campelo

Agora, que o Verão passou e o presente Outono vai a caminho de findar, trazemos aqui, antes ainda do cair da folha... ou passamento do corrente ano, algumas considerações, a nosso ver oportunas, acerca de necessidades a satisfazer nesta região de Campelo, para que também por cá seja possível depressa o progresso económico-social dos seus povos.

Romper vigorosamente contra o isolamento, em que por falta de vias de acesso rodoviário esta região continua mergulhada, é uma necessidade inadiável...

Levar a bom termo, com a máxima urgência, o alcatroamento, já iniciado, da estrada municipal de Campelo e o desfazimento das suas curvas retardadoras e perigosas é melhorar e evitar que de todo se perca a única via de penetração rodoviária que vem até cá e carece há anos de beneficiação...

Promover e concretizar toda uma política de pequenas obras de fomento e saneamento local em todas as aldeias (beneficiação de caminhos, captação de águas, construção e conservação de marcos fontenários e das respectivas condutas de água, arranjo e calcetamento das ruas das povoações...), são necessidades de satisfação obrigatória ou imperativa, isto é, que não podem esperar...

Contrariar, por via normativa local, Postura municipal ou paroquial, a tendência de encaminhar, por rede de esgoto, os dejectos ou matérias fecais para as ribeiras, poluindo ou inquinando as águas onde—por falta de fontes suficientes—ainda se abastece de água potável o povo de muitas aldeias, é uma medida de salubridade pública que se torna imediatamente necessária...

A ampliação do cemitério paroquial de Campelo, já pedida, insere-se também cá de há muito no quadro rural das necessidades por satisfazer.

O problema da luz eléctrica—esse, graças a boas opções e iniciativas—já em vias de justa solução, virá certamente sem grande demora a contemplar as outras aldeias.

Por sua vez, as obras de acabamento do «viveiro piscícola», para trutas, em Campelo, estão em franca conclusão.

Sem dúvida, a região começa agora a progredir, e vamos estando cá mais esperançados em melhores tempos... em melhores dias.

Como se sabe, é a satisfação devidamente equacionada e programada de certo conjunto de necessidades que cria algum bem-estar ou comodidade às populações dos meios rurais. E isso é possível sem grandes verbas, sem elevadas somas. Bastará que prioritariamente se atenda a essas necessidades todos os anos com a execução de um bem escalonado plano de pequenos melhoramentos para cada circunscrição paroquial ou freguesia do concelho.

Para o efeito, não se pode esquecer que o fomento do progresso local, sobretudo nas zonas serranas rurais, só é plenamente viável, supomos, com a satisfação assídua das pequenas necessidades primárias ou elementares que acabamos de referir.

Diz o povo, e tem razão, que o que se não lembra esquece. Por isso, havemos de continuar a lembrar—a lembrar sempre—o rol de necessidades mais pre-

mentes que estiverem cá por satisfazer.

É um dever de amor à terra, e a quantos cá vivem e mourem com necessidade de progresso e vida menos precária, proceder assim, nos parece...

Por outro lado (e isso nos traz esperanças de bom progresso para cá), é fora de dúvida que, conforme a «Lei de Meios» em vigor, a N.º 2 145, de 24 de Dezembro de 1969, o Governo tem vindo corajosamente a desenvolver os melhores esforços também no sentido da promoção social dos meios rurais.

Com essa política governamental, em boa hora iniciada contra um conservantismo arcaico, paralisante e estiolador, é, cremos, o velho Portugal rural que, necessariamente, se actualiza, progride e renova.

Por forma igual, incluindo a reforma das mentalidades, se procura que assim suceda também no campo, nas aldeias, para que suas gentes sintam e colham os benefícios do progresso nas suas próprias terras e não desejem tanto abandoná-las...

Estamos cientes que outro rumo ou caminho não parece pois de seguir, quer no campo, quer na cidade, se realmente quisermos vencer esse conservantismo arcaico, pejado de atraso, e sermos também beneficiários—dos bons frutos—da presente civilização, que se diz, técnica e industrial... ou talvez do Super-Homem que o sublime MIGUEL ANGELO pintou há séculos na tela...—e esculpiu e cantou para a eternidade no mármore!...

Continua

Algures, Novembro de 1970.

Joselcampo de Matos

Em férias

Em gozo de férias, e de visita a seus familiares nesta vila e Ervideira, encontram-se por alguns meses o senhor João da Fonseca Costa e sua esposa Senhora D. Palmira da Conceição Abreu Costa, há alguns anos radicados em Benguela.

Desejamos-lhes feliz e recuperadora estadia.

Estacionar ou não, eis a questão...

Da Página 1

quatro parques de estacionamento e que o Código da Estrada permite que os veículos estacionem junto das portas dos seus estabelecimentos pelo tempo necessário à carga e descarga de mercadorias e entrada e saída de passageiros, havemos de concluir que, para além do anseio de não deixar agravar a crise que afecta o comércio local, alguma coisa existe a impulsionar, com muito calor mas com minguada razão, o movimento em prol do *botão-abaixo* de uma disposição regulamentar que se reveste de todas as formalidades para o ser.

Fala-se agora bastante em *contestação*, fenómeno universal que muitos temem, não pelos fins da validade e interesse que possa ter quando construtivo, mas principalmente pela ausência de civismo e de maturação, sob diversos aspectos, dos contestadores.

Não estamos, neste caso, em presença duma consciente integração nesse extraordinário fenómeno dos nossos tempos, mas tudo nos faz vir à mente os processos desse vendaval de irreverência, de desapego às tradições, à ordem e à disciplina de que os tais contestadores imprevistos se servem, para replicar e contestar a propósito de tudo e de nada.

Mas isto e o puxar só a braza à nossa sardinha, são métodos irreconciliáveis com a actual orientação governativa. Temos de tirar daí a ideia para nos mentalizarmos no sentido de situar acima das nossas conveniências e pretensões, quantas vezes mequinhas, o bem estar da colectividade.

FALECIMENTOS

D. Maria Ana Ramos Herdade

No dia 25 de Outubro último, faleceu na cidade de Faro, a Senhora D. Maria Ana Ramos Herdade, natural de Santa Bárbara de Nexe, esposa amantíssima do nosso estimado conterrâneo Senhor Herculano Silveira Herdade, figura destacada na sociedade da Capital algarvia, da qual é cidadão honorário.

Senhora de excelentes virtudes caritativas, era mãe extremosa do Senhor Tenente-Coronel Nívio José Ramos Herdade, casado com a Senhora D. Maria Margarida Caleia Serra Herdade; irmã do Senhor José Gonçalves Ramos, casado com a Senhora D. Inez da Costa Quaresma Ramos, residentes nesta vila e cunhada do Senhor Aníbal Silveira Herdade, casado com a Senhora D. Maria da Graça da Costa Quaresma Herdade, residentes na Quinta da Telhada; Senhora D. Aldegundes Herdade Telhada, viúva, de Aldeia de Ana de Avis e da Senhora D. Arminda Herdade Santos, moradora nesta vila.

O seu passamento foi muito sentido, não só no Algarve, mas também na nossa região, onde a distinta Senhora se deslocava periodicamente com o seu marido, em visita aos familiares cá residentes, desfrutando, também aqui, de geral simpatia.

O funeral que se realizou no dia seguinte, para o cemitério de Faro constituiu expressiva manifestação de dor.

«O Norte do Distrito» apresenta sentidas condolências à família de luto, e em especial aos marido e irmão da saudosa falecida, Senhores Herculano Silveira Herdade e José Gonçalves Ramos.

Agradecimento

Joaquim Teixeira de Araújo, António da Conceição Teixeira, Maria Helena Costa Teixeira, Liseta da Silva Teixeira e António Boaventura da Conceição Teixeira, vêm muito reconhecidamente agradecer a todas as pessoas que se dignaram, acompanhar à sua última morada, aquela que foi esposa, mãe, sogra e avó, e se interessaram pela sua saúde durante a sua longa doença.

D. Livia Fernandes Neves Victor

Com 83 anos de idade faleceu nesta vila no 5 do mês corrente a Senhora D. Livia Fernandes Neves Victor, viúva do Senhor Júlio dos Santos Victor, antigo comerciante nesta vila.

A saudosa extinta que foi detentora das melhores virtudes, e por tal motivo muito estimada no meio figueirense, era cunhada da Senhora D. Emilia de Freitas Fernandes das Neves, que a rodeou do melhor carinho na sua doença, e tia do Senhor Armandinho de Freitas Fernandes das Neves, residente em Lisboa.

O funeral que se realizou no dia seguinte para o cemitério Municipal, foi muito concorrido, constituindo expressiva manifestação de pesar.

«O Norte do Distrito» apresenta sentidas condolências à família de luto.

ALEGRIA E TRAGEDIA

Faz já parte da tradição popular, em todas as festas ou romarias, o lançamento de fogos de artifício que, quer pelo seu colorido quer pelo ruído próprio das explosões dos foguetes, petardos ou morteiros, despertam e provocam a euforia desejada e sempre presente nas festas portuguesas.

Acontece, porém, não raras vezes, que muitos dos foguetes lançados não explodem e perdem-se momentaneamente, pelos campos circunvizinhos, onde, mais tarde, são encontrados.

E esse encontro raro se dá sem provocar acidentes quantas vezes de tal modo graves que resultam na inutilização ou até mesmo na morte do achador.

Trata-se de uma imprevidência pois, parece, poucos se encontram devidamente esclarecidos sobre os verdadeiros e reais perigos resultantes do manuseamento dos explosivos.

Ora, se considerarmos que a grande maioria de tais acidentes são provocados por crianças cuja natural curiosidade e inexperiência os leva àquela situação de vitimas, logo concluímos que urge ministrar-lhes os necessários conhecimentos no sentido de evitar-lhes os graves riscos do manuseamento de tais materiais.

Para tanto, estamos a lembrar-nos da conveniência de, nas escolas, na catequese e, até, em casa, lhe serem prestados os indispensáveis conhecimentos sobre a matéria.

Trata-se, afinal, de uma Campanha que a Comissão de Explosivos da Secretaria de Estado da Indústria vem fomentando com vista a reduzir os acidentes que, anualmente se verificam e que originaram já cerca de 400 indivíduos inutilizados ou dinuídos.

Acontece, ainda, que para além das bombas dos foguetes ou morteiros utilizados nos festejos populares, podem ser encontrados em áreas que sejam utilizadas para exercícios militares — serras e matas — outros explosivos não deflagrados e, esses representam talvez ainda um maior atractivo para as crianças, quando os encontram, pelo seu aspecto inédito para elas.

Parece, portanto, imprescindível alertá-las e consciencializá-las

Campanha a favor dos nossos Monumentos

Por José Rodrigues Dias

Conclusão

Agora, a Torre da Cadeia. Aqui, a meu ver, a despesa limitar-se-ia à construção de uma escada de madeira (de cimento ou pedra, afastava-se da tradição) para substituir a que existia e caiu de podre, e a reparação, sendo, ainda, possível, do antigo relógio, peça histórica, como a Torre em que está instalado, cujas badaladas, pela intensidade de som e altura de onde eram expedidas, se faziam ouvir para lá dos limites da vila, tendo orientado, no tempo, as actividades, o cumprimento dos deveres cívicos e religiosos, o início de uma viagem breve ou demorada, curta ou longa, excedendo (quantas vezes!) as fronteiras da Pátria com ou sem bilhete de regresso e na alma um sentimento de que jamais o emigrante se libertará — a saudade — por serem fortes os laços afectivos que prendem os Portugueses aos lugares onde nasceram, às coisas que contactaram e às pessoas que amaram na infância e, depois, no decurso da vida, são motivo de recordação permanente e de intensa tristeza quando se afastam delas ou elas, pela destruição ou morte, deles, tendo orientado, repito, o repouso, o recreio, enfim, a vida temporal de várias gerações de Figueirense.

A minha infância está, de ma-
À Página 3

Baptizados

Miguel Jorge

Na Basílica da Cova da Iria, teve lugar no dia 25 de Outubro último a cerimónia solene do Baptismo do menino Miguel Jorge, filhinho extremoso da Senhora D. Maria Isabel Zuzarte Mendonça Godinho Ferreira e do Senhor Doutor Jorge Godinho Ferreira, nosso ilustre conterrâneo, distinto médico oftalmologista em Lisboa.

Paraninfram o religioso acto, a sua tia Senhora D. Maria Filomena Zuzarte Mendonça, e o menino Jorge Manuel, irmão do neófito, em representação do Senhor Dr. Virgílio Zuzarte Mendonça, seu tio.

Após a cerimónia foi, pelos pais do recém-baptizado, oferecido um fino copo-d'água aos amigos e familiares presentes ao acto.

Ao felicitar-mos os pais do pequenino cristão, desejamos para este as melhores Graças das Bênçãos de Deus.

António Carlos

Na Igreja Matriz desta vila, no dia 1 de Novembro corrente, recebeu o sacramento do baptismo o menino António Carlos, filho da Senhora D. Maria Odete Almeida Oliveira Martins e do Senhor Carlos da Conceição Martins, diligente empregado da Re-cauchutagem Sonuma.

O Solene acto, foi celebrado pelo Rev. Padre Belarmino Soeiro, foi apadrinhado pela menina Maria de Fátima de Oliveira e pelo Senhor Adamastor Ventura dos Santos.

Ao recém-cristão desejamos as melhores venturas.

À Página 3